

Collor indica líderes no Congresso

Calheiros e Chiarelli comandarão, na Câmara e no Senado, o apoio ao novo governo



BRASÍLIA — O senador Carlos Chiarelli (PFL-RS) e o deputado Renan Calheiros (PRN-AL) serão os líderes do governo no Senado e na Câmara, de acordo com escolha pessoal feita ontem pelo presidente eleito, Fernando Collor, e anunciada, no segundo andar do "bolo de noiva", pelo futuro ministro da Justiça, Bernardo Cabral. De acordo com Cabral, Calheiros e Chiarelli formarão com ele o "trio político" responsável pelos contatos e alianças políticas do governo Collor no Congresso. O futuro ministro da Justiça explicou que o presidente eleito decidiu escolher o trio antes de indicar novos ministros de sua equipe de governo para "demonstrar seu apreço à classe política".

As indicações de ontem alteram o jogo de especulações montado em torno da formação do novo governo. Escolhido como articulador parlamentar, o senador Carlos Chiarelli abandona a bolsa de ministeráveis, onde tinha boa cotação para a Pasta do Trabalho. Eleito no ano passado, o líder do PRN na Câmara, Renan Calheiros, deve



Wilson Pedrosa/AE

Renan Calheiros, Carlos Chiarelli e Bernardo Cabral: o "trio político" encarregado de conseguir maioria no Congresso

deixar seu antigo cargo, abrindo nova disputa no partido.

Com sua indicação, Chiarelli se fortalece para a eleição deste ano. "Minha tendência é disputar o Senado", revelou ontem. Chiarelli também pensa em ser candidato a deputado federal, cuja eleição seria mais tranquila, no pleito de 3 de outubro. Ontem, ele garantia ter uma certeza. "Eu nunca pensei em ser ministro", afirmou.

Antes de resolver sua dúvida política, o senador precisará solucionar um problema de ordem legal. Pelo regimento interno do Senado, não existe mais a figura de líder do governo, criada pelo presidente José Sarney, mas a de líder da maioria. Para realizar o desejo do presidente eleito, de mantê-lo à frente das negociações com o Congresso, Chiarelli precisará, primeiro, se eleger líder do PFL

no Senado, cargo pretendido pelo senador Marco Maciel (PFL-PE), e, depois, garantir sua indicação para o posto de líder da maioria. Outra alternativa seria a reforma do regimento interno, que poderia ser feita com o voto de 38 senadores. O senador, porém, não está preocupado com o assunto no momento. "O fundamental era definir o líder da bancada collorista", afirmou ontem.

A definição aconteceu por iniciativa do próprio Chiarelli, que pediu ao presidente eleito para ser indicado líder do governo. Na terça-feira passada, o senador Agripino Maia (PFL-RN) levou o pedido de Chiarelli a Collor, que o aceitou. Com a decisão, Chiarelli se antecipou ao senador Marco Maciel, que também pensou em ocupar o cargo.

"Não sei se é líder do governo, seria necessariamente líder da

maioria, mas estou disposto a ser o líder", afirmou à Agência Estado, ontem, em Nova York, o próprio Maciel, que ainda não sabia que a escolha recaía sobre Chiarelli. Acompanhado do senador Jorge Bornhausen (PFL-SC), Maciel está nos Estados Unidos participando de uma série de encontros com universitários e políticos americanos.

Interessado em resolver sua participação no futuro governo, Maciel adiou seu retorno ao Brasil para conversar com Collor, em Nova York. Ontem, de olho nesse encontro, ele se dizia consciente da tarefa dura que será aprovar as medidas do novo governo no Congresso. "Muitos estão querendo fazer oposição achando que com as eleições serão mais populares se forem contra o governo", afirmou Maciel. "Acho que o povo será contra quem for contrário às reformas de Collor".

Ao anunciar o nome de Chiarelli, ontem, Bernardo Cabral, dizendo estar transmitindo uma mensagem de Collor, afirmou que o senador foi escolhido como uma "homenagem do presidente eleito às suas raízes gaúchas" — o avô de Collor, Lindolfo, era do Rio Grande do Sul — e também para "reparar uma injustiça", já que Chiarelli foi destituído da liderança do PFL no Senado por influência direta do presidente Sarney, quando dirigia a Comissão Parlamentar de Inquérito que apurou denúncias de corrupção no governo.